

O Castro da Curalha

5.^a campanha de escavações — 1979

POR

Adérito Medeiros Freitas (*)

Professor efectivo de C. N. do Liceu de Guimarães
e sócio da Soc. Portuguesa de Antropologia

J. R. dos Santos Júnior ()**

Professor catedrático jubilado da F. C. da Universidade do Porto
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

Considerações gerais

No ano de 1979 os trabalhos no Castro da Curalha tiveram de fazer-se em duas tarefas. Uma na primeira quinzena de Setembro por A. M. F. a outra por J. R. S. J. na primeira quinzena de Outubro.

Os trabalhos de escavações no Castro de Curalha, iniciados em 1974 com uma participação da Comissão Regional de Turismo de Chaves, têm incidido, essencialmente, na área limitada pela sua muralha central, a única que ainda se encontra, em parte, em razoável estado de conservação.

Resultantes da muralha e das casas que, tudo leva a crer, enchiam quase completamente este espaço, toda a área central do Castro se encontra coberta por espessa camada de pedras, entre as quais se desenvolveu uma variada e densa vegetação arbustiva e arbórea. Os sistemas radiculares destas plantas

(*) Rua Saraiva Brandão, 260-8.º-D.º — 4800 Guimarães.

(**) Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.

penetram profundamente por entre as pedras soltas em todas as direcções, criando continuamente dificuldades ao prosseguimento dos trabalhos de escavações.

O corte de todo o mato, mesmo em áreas que não têm sido escavadas, com a finalidade de impedir o contínuo processo de crescimento dos caules e engrossamento das raízes, é uma preocupação que nos tem acompanhado em todos os trabalhos, o que nesta campanha se levou por diante.

Dadas as características apontadas, os trabalhos de escavações realizados até este momento tiveram como objectivo fundamental «arrumar» os milhares de toneladas de pedras de granito que ali se amontoam: umas, são colocadas directamente nas muralhas e, outras, nos muros das casas uma vez detectados os seus alicerces.

Nos anos anteriores foram postas a descoberto oito casas rectangulares e uma casa circular que ocupava o topo dos rochedos graníticos situados no ponto mais elevado do Castro; reconstruiu-se, ainda, parte da muralha junto da porta de SW até uma altura de cerca de 2 m e, em 1978, realizaram-se trabalhos junto da porta do lado Norte, com reconstrução da muralha também até uns 2 m de altura.

Tarefa de Setembro de 1979 por A. M. F.

No nosso trabalho *O Castro da Curalha — 2.^a e 3.^a campanha de escavações*, Porto, 1975-1976, págs. 15, «Admitimos..., a possibilidade de futuros trabalhos nos fazerem rever as descrições efectuadas e nos indicarem as alterações aconselháveis».

Na realidade, as características apontadas para a porta Norte, que estava atulhada por grande montão de escombros, tiveram que ser revistas e corrigidas. Em vez de uma estreita passagem, como havia sido previsto, a porta Norte tem a largura, do lado exterior, de 1,30 m e do interior, de 1,50 m.

Duração da campanha

A primeira fase da campanha de escavações no Castro de Curalha em Setembro de 1979, decorreu entre os dias 3 e 14 (inclusivé).

Não foi possível, como em campanhas anteriores, a colaboração de alunos dos estabelecimentos do Ensino Secundário de Chaves. É que, os poucos interessados por actividades culturais desta natureza encontravam-se em férias.

Foi também impossível, dado o volume de trabalhos agrícolas e de construção civil desta época do ano, arranjar trabalhadores na vizinha povoação de Curalha, o mesmo acontecendo na cidade de Chaves. Os quatro trabalhadores abaixo indicados vinham diariamente de Carrazedo de Montenegro, a cerca de 27 km de Curalha. Foram eles:

Luís Albino dos Santos Lemos
Diamantino Augusto Alves
Henrique Manuel Teixeira Antas
Fernando Henrique Eiriz

Constituíram, no entanto, uma extraordinária equipa de trabalho, compreendendo perfeitamente quais os cuidados indispensáveis para actividades desta natureza.

Trabalhos efectuados

Esta campanha de 1979 concentrou toda a sua actividade numa zona do Castro situada entre as portas do Norte e de SW, prosseguindo os trabalhos já iniciados em 1978.

Seis casas a que atribuímos, neste relatório, os números 9, 10, 11, 12, 13 e 14 (dando assim continuidade numérica aquelas que foram postas a descoberto em campanhas anteriores) foram detectadas. Embora não completamente conhecida a sua área e a sua forma, muitas outras casas foram assinaladas. Destas últimas, uma encontra-se junto da porte Norte e outra, rectangular, fora do reduto muralhado central mas, possivelmente, dentro da muralha mais externa, ou 2.^a muralha, que, deste lado, foi completamente destruída.

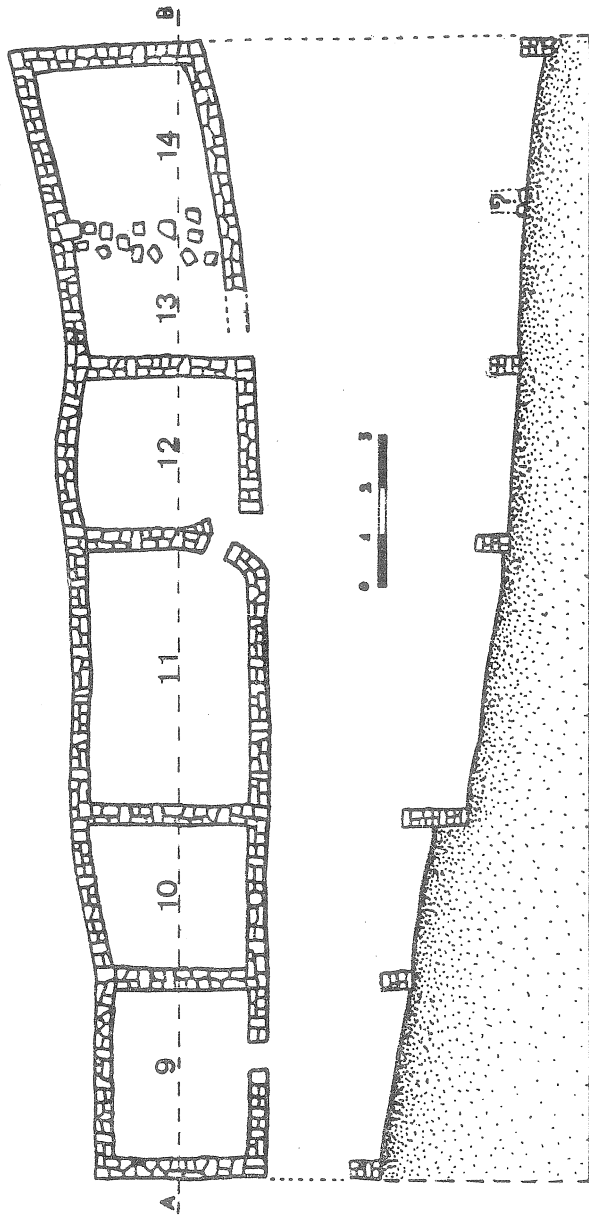


Fig. 1 — Planta e corte esquemático segundo AB das 5 (ou 6?) casas.

Todas as casas postas a descoberto (Figs. 1, 5, 6, 7 e 8) têm contorno predominantemente rectangular, com áreas que vão, aproximadamente, dos 10 m² aos 24 m². Encontram-se numa área do terreno em declive, quer de N para S, quer de E para W. O seu alinhamento verifica-se, aproximadamente, na direcção NE-SW (Fig. 1). O perfil de um corte segundo esta direcção (corte segundo AB, da Fig. 1) indica-nos um desnível de 4 m.

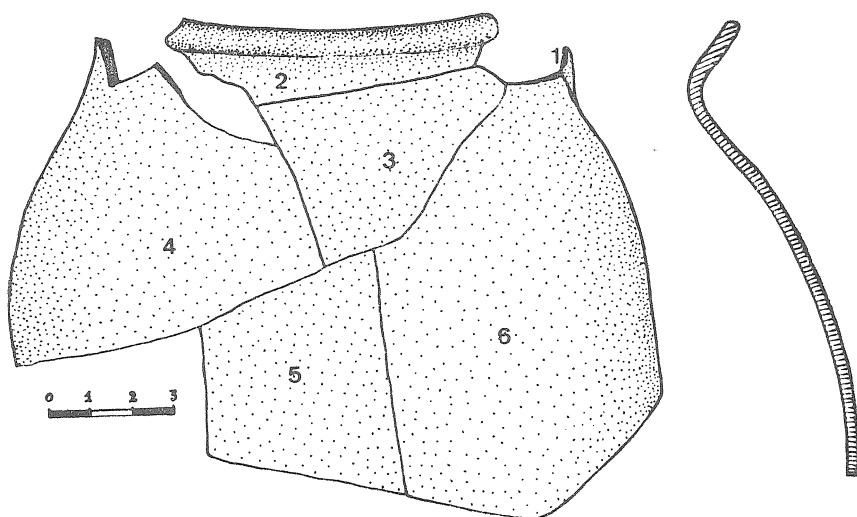


Fig. 2 — Seis fragmentos de cerâmica fina de cor cinzento-escura reconstituindo parcialmente um vaso.

Um cuidado permanente durante os trabalhos, foi o de não remover qualquer pedra que oferecesse garantias de que pertencia a qualquer estrutura que era necessário preservar. Sempre que havia dúvidas optámos por mantê-la na sua posição. Deste modo, em todas as casas postas a descoberto, foram deixadas algumas dessas pedras que nos parece virem a constituir elementos estruturais de interesse e que só a remoção da terra ali existente poderá revelar.

Espólio

Referimos, já, que a principal actividade realizada nas campanhas de escavações do Castro de Curalha, desde 1974, tem consistido em «arrumar» a quantidade de pedras resultante do desmoronamento das casas e das muralhas e que preenchem quase completamente todo o recinto central. A remoção desta pedra, colocada nas muralhas ou nos muros das casas que vão sendo postas a descoberto, conduz-nos, a pouco e pouco, ao conhecimento do número, forma, dimensões e posição relativa das casas que constituíam este povoado castrejo.

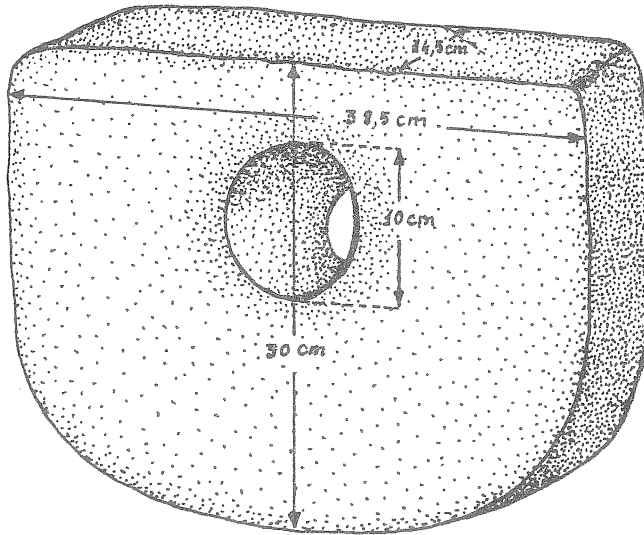


Fig. 3 — Desenho esquemático da «pedra furada», de granito, encontrada junto da casa n.º 9.

Não é de esperar que, entre as pedras soltas e espalhadas caoticamente, apareçam objectos, principalmente de barro, perfeitamente intactos. Foram, no entanto, numerosos os frag-

mentos cerâmicos de várias dimensões, espessura e cor. De salientar:

- Seis fragmentos de cerâmica fina, cinzento-escura, que se ajustam perfeitamente reconstruindo-se, parcialmente, um vaso. O diâmetro da sua boca é de aproximadamente, 11,2 cm (Figs. 2 e 11).
- Alguns fragmentos de *sigillata* (Fig. 9).
- Numerosos fragmentos de espessura, cor e ornamentação diferentes que se conclui pertencerem a vários vasos (Figs. 9 e 10).
- Dois fragmentos pertencentes a um vaso de grandes dimensões e um pequeno pedaço de mármore, rocha que não existe na região (Fig. 9).
- Uma pedra furada, de granito, encontrada nas proximidades da casa 9, de pé, entre um amontoado de pedras soltas. Tem 14,5 cm. de espessura média e o orifício, descentrado, mede 10 cm de diâmetro; a sua largura máxima é de 30 cm e o comprimento máximo de 38,5 cm.

Tarefa em Outubro de 1979 por J. R. S. J.

Cheguei a Chaves no dia 6 de Outubro.

Nesse mesmo dia fui à aldeia da Curalha para ajustar o pessoal jornalheiro.

Contactei com um pequeno grupo de trabalhadores. Declararam que se arranjariam alguns homens e mulheres para trabalharem no castro, mas que não iam a menos de 600\$00 esc. por dia os homens, e as mulheres a 400\$00.

Desisti de contratar pessoal na Curalha por considerar exorbitante a geira pedida. Procurei arranjar pessoal em Chaves.

De entrada tive dificuldades: consegui apenas 1 homem e 4 mulheres a ganharem respectivamente 400\$00 e 300\$00 por dia; depois mais duas mulheres.

O tempo incerto, de chuva e ventania, não permitiu que naquela 1.^a semana se trabalhasse senão em 3 dias, dois deles a meios dias e o terceiro só um quarto.

Na segunda semana consegui três homens e nove mulheres.

O trabalho nesta jornada de Outubro, 8 a 16, consistiu, essencialmente, no corte do mato espesso e forte que impedia averiguar a existência de quaisquer restos arqueológicos porventura existentes (Figs. 13 e 14).

Foi serviço que teve de ser feito à foice ou podão, tesoura de poda e também à machada, quando foi necessário cortar alguns carvalhos da grossura de um punho e mesmo mais grossos.

Desbastado o mato do hirsuto matagal verificou-se que a quase totalidade da área castreja apareceu, por assim dizer, semeada de pedras, que nuns sítios eram abundantes e um tanto amontoadas, e noutros em menor quantidade e mais espalhadas.

É de crer que nos sítios onde há amontoados de pedras elas estejam a tapar alguns restos arqueológicos, possíveis alinhamentos de paredes, como aliás sucedeu na campanha de 1977 aquando da abertura do caminho a meio do castro.

Há que remover cuidadosamente aqueles amontoados de pedras sem modificar ou alterar qualquer resto de parede que porventura surja.

Face interna da muralha

O corte de já bem crescidos carvalhos e arbustos densos do matagal que havia do lado poente descobriu uma grande extensão da muralha, com cerca de 2 a 3 m de altura. Algumas pedras caídas junto da muralha, terão de ser repostas o que irá altear a muralha.

Para baixo da porta do lado norte, numa extensão de 50 a 60 m pôs-se a descoberto o alinhamento interno da muralha, que em curva suave vai desandando para sul. A muralha naquele sítio foi destruída quase ao rés da terra do reduto castrejo.

Casa junto da porta do lado norte

Na campanha de 1977 fez-se a desobstrução da porta do lado norte, que, por tão tapada por volumoso escombros, foi julgada simples postigo.

O amontoado de pedras e entulho estendia-se do lado de dentro da muralha a um e a outro lado da porta.

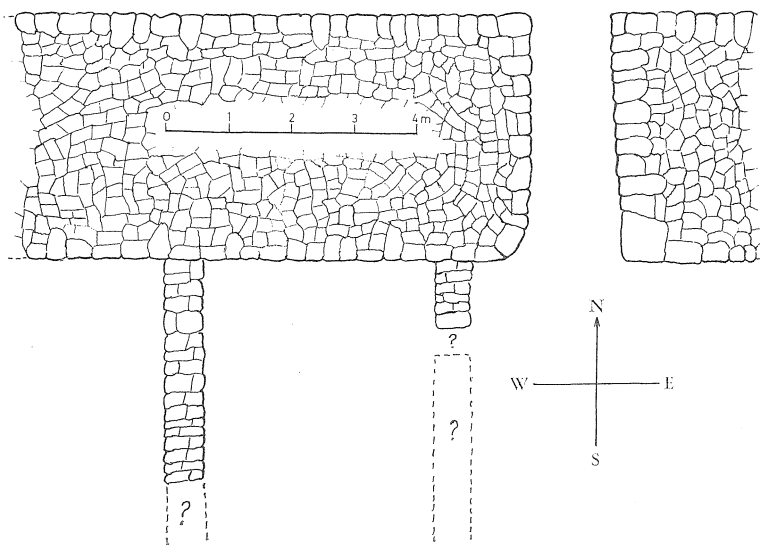


Fig. 4 — Porta do lado norte e resto de casa arrimada à muralha, cuja face interna substitui a parede da casa daquele lado.

Afigurava-se-nos que aquele amontoado do lado poente tapava os restos duma casa. Só pudemos descobrir uma pequena porção das paredes a entestar na face interna da muralha.

Na campanha de Outubro de 1979 removeu-se o montão de pedras ali existentes e conseguiu-se pôr a descoberto duas paredes paralelas afastadas uma da outra de 3,65 m (figs. 4, 15 e 16).

Aquelas duas paredes entestavam na muralha que tinha algumas pedras deslocadas do aprumo, o que reflecte propósito

acintoso de rapinango das pedras de face aplanadas a pico.

Trata-se sem duvida de uma casa (Fig. 4). Em nova campanha importa isolá-la completamente e refazer as paredes com as pedras delas caídas.

Depois há que escavar e crivar a terra do chão daquela casa.

Como não houve remeximento de terra o espólio foi praticamente nulo. Apenas ao remover as muitas pedras que tapavam a casa ao lado da porta do norte apareceram alguns pequenos pedaços de tégula e um ou outro pedaço também pequeno de telha de caleira ou de capelão.

Lenda da mina que vai do castro ao rio

Na campanha de Outubro de 1979, uma das jornaleiras da Curalha, Teresa Xavier de Sousa, contou que há muitos anos um seu avô foi um dia aos peixes ao rio Tâmega, que a uns 400 ou 500 metros passa pelo nascente ao fundo da ladeira do monte do Castro da Curalha.

Dizia a neta que o avô entrou numa mina e foi por ali adiante.

Em dada altura fez-se escuro e deixou de ver o caminho que trouxera. Ao mesmo tempo ficou assombrado por ver que a mina «tinha seguimento na direcção do grande pinheiro manso» do alto do crasto. Fez-se noite e o pobre do avô ali se manteve em acabrunhante desorientação. Passou lá aquele dia e a noite, até que no dia seguinte conseguiu sair pelo buraco por onde tinha entrado.

A história desta grande mina que iria do rio ao alto do castro, aparece contada, de modo mais ou menos semelhante, e atribuída a muitos castros em seguimento de um buraco, poço, mina ou gruta, por onde os «mouros» levavam os cavalos a beber ao rio, ribeiro ou fonte próxima.

Como vamos ver, já vem de longe a crença na existência de uma caverna ou gruta a que se seguia longa mina que levava ao reduto do castro da Curalha.

A história de tão longa mina vem contada a págs. 496 e 497 do Tomo II das *Memórias para a história eclesiástica do Arcebispado de Braga*, publicado em Lisboa em 1743 por Jerónimo Contador de Argote, Clérigo regular e Académico da Academia Real, que se transcreve.

«No Lugar da *Curalha*, huma legoa de Chaves, eſtaõ ruinas de Povoação, com muralhas, e dentro alicerfes de cafas, e edificios, a que vulgarmente chamaõ o *Crafto da Curalha*: dizem, que foy Povoação de Mouros. A eſte *Crafto*, ou *Craftello* accrefcentaõ, vay ter huma gruta, e eſtrada fubterranea, larga, que atéqui ninguem fe atreueo a penetrar. A qual gruta fica da outra parte do rio Tamega, no Lugar chamado Bobeda, e a tiro de piſtola começa a defcer para baixo, enterrandofe por hum monte, que cahe fobre o rio Tamega; de forte, que para ir fahir ao *Crafto*, acima mencionado, he precifo, que penetre por baixo do fobredito rio, que he caudalofo, e corre ali entre penhacos, razaõ, porque parece impoffivel o que fe refere; mas fe he affim, a obra fem duvida he notavel: e eu poſto que naõ tenha motivo para a regular como Romana, porque, como já difte, atéqui com o receyo do perigo todos fe efcufaraõ de a inquirir, e penetrar; com tudo entendo naõ fer obra de Godos, nem de Mouros, pelas razoens, que já em outra parte apontey, mas obra Romana, e alguma das concavidades, ou minas com que cortaraõ os montes deſta Provincia.»

Esta referênciã de Contador de Argote ao Castro da Curalha tem interesse, pois leva a admitir que no primeiro quartel do século XVIII eram patentes, dentro das muralhas, alicerces de casas e edificios.

Como noutros castros e tantos outros monumentos de manifesto interesse arqueológico, que têm sido defraudados

ou mesmo parcial ou totalmente destruídos, também o Castro da Curalha tem sofrido injúrias e o mau trato dos homens.

Há poucos anos foi destruída uma porção da muralha para com a pedra calcetarem as ruas da aldeia da Curalha.

Mas agora o povo daquela aldeia respeita o seu castro, e vê com simpatia os trabalhos arqueológicos que nele se vêm realizando.

E assim é que o assalto ao castro, por 4 pessoas que ali fizeram escavações, causou estranheza e censura.

Informações dadas por gente da Curalha levam a crer que 4 pessoas, clandestinamente, escavaram e crivaram a terra da casa que entesta a muralha e fica adjacente, pelo norte, com a porta de entrada no castro pelo lado nascente.

Um dos informadores, que um dia assistiu ao escavar da terra do interior da casa e sua crivagem ao lado de fora da muralha, contou que as tais quatro pessoas apanharam e levaram muitos cacos, um vaso inteiro em forma de tijela e duas moedas do tamanho de moedas de cinco escudos. E ao rematar a sua informação acrescentou: «Isto foi o que eu vi. Se calhar acharam e levaram mais coisas».

Em 22 de Janeiro de 1980, como me cumpria, informei a Direcção-Geral do Património Cultural do atrevido assalto e rapina da casa do Castro da Curalha.

Só ela poderá promover a descoberta dos assaltantes, que, segundo informações várias, embora vagas, não será difícil descobrir.

Ocupados com o arrumo de alguma da muita pedra espalhada por quase todo o recinto muralhado, e aqui e ali amontoadas, e também pelo corte do mato forte e basto que fazia do reduto castrejo um espesso matagal não se tem podido fazer escavações sistemáticas.

Em 1974 fez-se (A.M.F.) a escavação e crivagem da terra da casa n.º 1, de que foi dada notícia na pág. 16 e Fig. 13 do trabalho de P.º Adolfo Augusto Magalhães, Francisco Gonçalves Carneiro Júnior e Adérito Medeiros Freitas, *Castro de Curalha*

— 1.^a campanha de escavações — 1974, Braga, 1975, 20 págs. e 17 Figs.

Nas campanhas seguintes não se fizeram propriamente escavações.

Quando pudermos fazer escavações cuidadas com crivagem da terra, é de crer que o espólio forneça elementos de interesse arqueológico.

Até agora o nosso trabalho tem sido, essencialmente, de prospecção em sondagens pouco mais que superficiais que possam levar à descoberta dos «alicerces de casas e edifícios» referidos por Contador de Argote.

Foi-me proporcionado um voo de helicóptero para, do ar, tirar fotografias ao Castro da Curalha (Figs. 17, 18, 19 e 20).

Foi companheiro de voo o Ex.^{mo} Amigo Sr. Engenheiro António Barroso de Moura, Director Florestal, que dirigia a Administração Florestal com sede nas Pedras Salgadas, e me facultou aquele excelente voo, pelo que lhe testemunho sincero agradecimento.

A Câmara Municipal de Chaves, concedeu à nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia, um subsídio de 10 000\$00 esc. para ajuda da publicação do Fasc. 4 do Vol. 23 da revista da S. P. A., em que é publicado o trabalho do Castro da Curalha.

À Câmara Municipal de Chaves, na pessoa do seu ilustre Presidente se testemunham sinceros agradecimentos.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Junho de 1980

As fotografias 5 a 12 foram tiradas por A. M. F.
As fotografias de 13 a 20 foram tiradas por J. R. S. J.



Fig. 5 — Aspecto dos trabalhos na parede linear do lado Sul, comum a toda a fiada de casas.



Fig. 6 — Aspecto dos trabalhos na casa n.º 11.



Fig. 7 — Casa n.º 9. A seta indica o Norte.



Fig. 8 — Vista geral da área em que decorreram os trabalhos das casas postas em fiada.

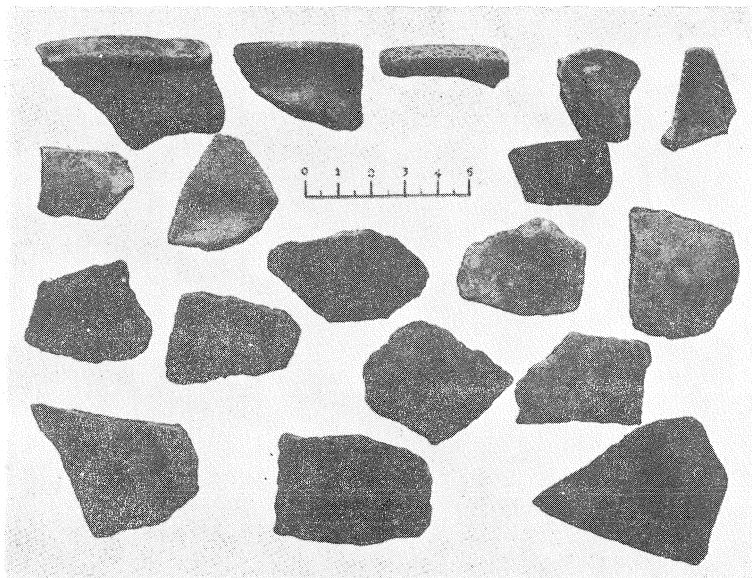


Fig. 9 — Fragmentos de cerâmica de vários tipos. Os 5 pedaços no alto à esquerda, ao lado e acima da escala são sigillata. Nesta Fig. como nas seguintes as escalas são em cm.



Fig. 10 — Fragmentos de cerâmica, pertencentes a, pelo menos, cinco vasos. Alguns com ornamentação encordoada.

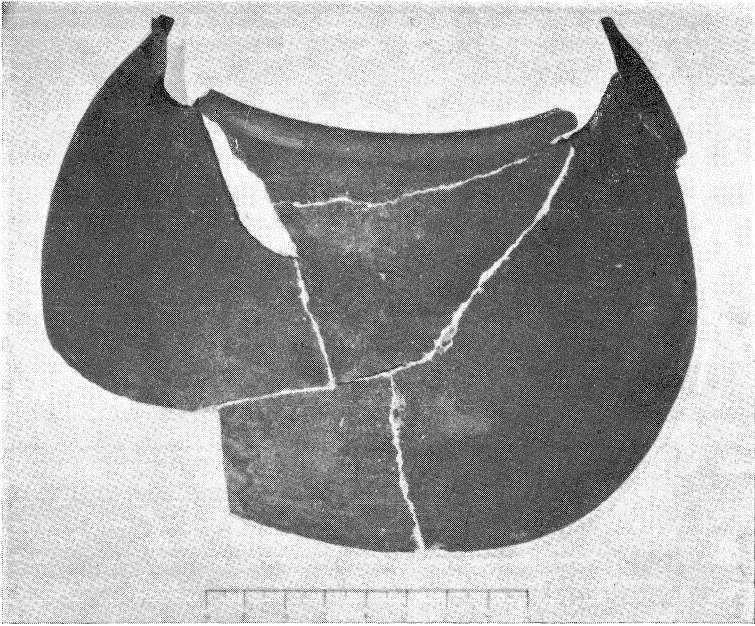


Fig. 11 — Reconstituição parcial de uma panela de cerâmica negra.
O diâmetro da boca foi calculado em cerca de 11 cm.

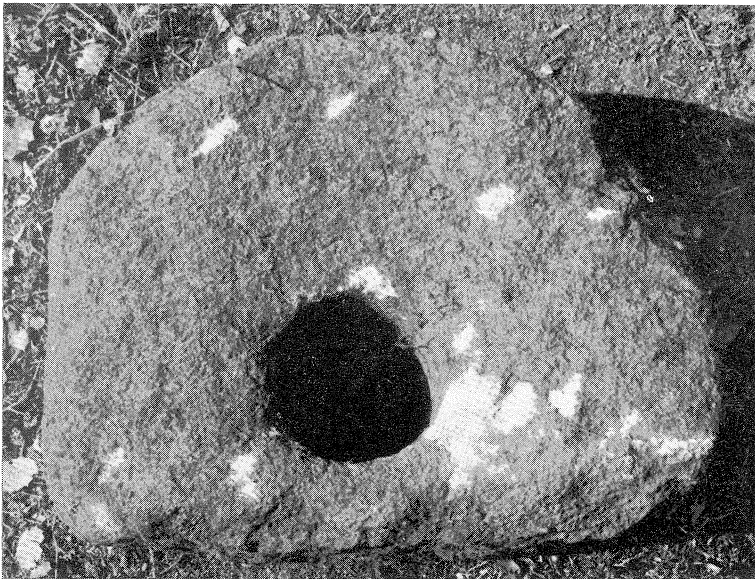


Fig. 12 — Pedra de granito furada, a que se refere o desenho da Fig. 3.



Fig. 13 — Do lado poente o mato era alto e forte atingindo dois e três metros de altura.



Fig. 14 — A sul do grande pinheiro manso o mato era menos alto mas vasto, cerrado e por vezes espinhoso.



Fig. 15 — Restos da casa arruinada ao lado da porta do lado norte.
A porta encoberta pelo homem e pela giesta.



Fig. 16 — Face interna da muralha, em parte arruinada, e na qual entestavam as paredes laterais da casa.



Fig. 17 — O castro da Curalha (lado norte) visto de helicóptero. Esta fotografia mostra uma porção do rio Tâmega no qual os castrejos se abasteceriam de água.

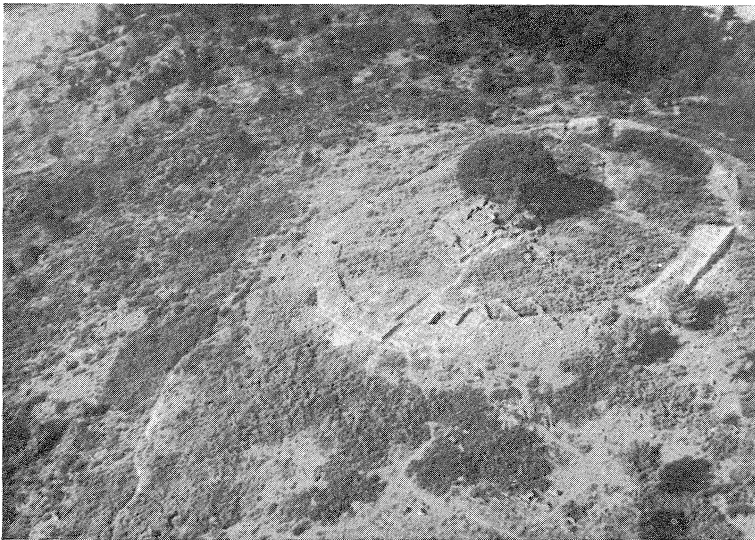


Fig. 18 — O castro da Curalha (lado nascente) visto de helicóptero.

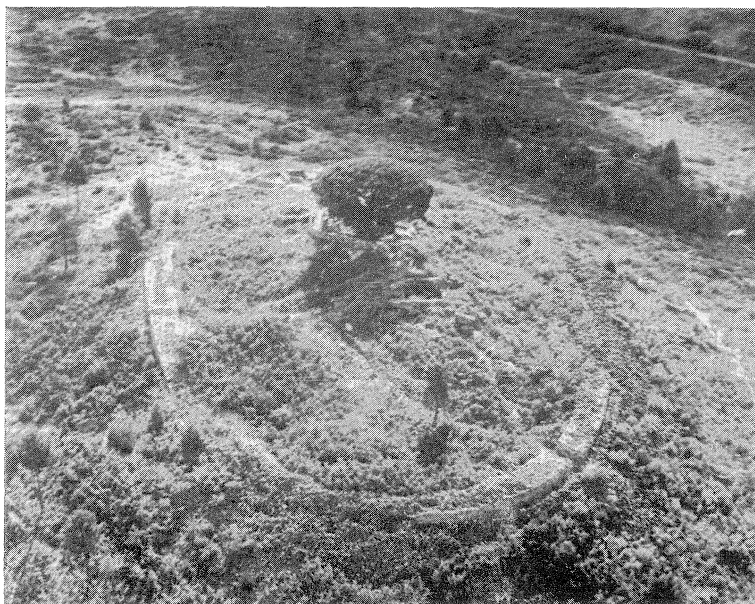


Fig. 19 — O castro da Curalha (lado poente) visto de helicóptero.



Fig. 20 — O castro da Curalha (lado norte) visto de helicóptero.